



NOAS LITERÁRIAS

II



Para admirar esta...

e outras obras.

Apreciação de leitura

Brasília, DF — jun/2018

*Leio romances, porque por eles conheço
o mundo, o homem, as nações, os povos
e, ainda que ficção, alcanço o real.*

Leitor: Armindo Ferreira

O Último Czar – A Vida e Morte de Nicolau II

Edvard Radzinski

Obra que mostra como uma sociedade sem governo pratica os maiores desatinos, atos irracionais de extrema crueldade. Assim aconteceu com o povo russo após a queda de seu último imperador, Nicolau II

Na obra tem-se o perfil do imperador: um homem fraco, de vontade tibia, que se deixa influenciar e dominar por uma vontade mais forte – a vontade da czarina Alix (Alexandra).

Esta, aparentada das tradicionais coroas europeias, inglesa, alemã, austríaca, não obteve boa aceitação da corte, nem mesmo da própria família do Czar, os Romanov. Sua situação se complicou mais ainda ao aceitar no Palácio a influência do místico Rasputin. Era um monge astuto, falso, depravado, mas que a czarina o tinha como um homem santo.

Durante o governo de Nicolau II, devido a sua tibieza, ocorreram distúrbios sangrentos, aproveitados pelos inimigos pré-revolucionários. A própria aristocracia e elementos da família Romanov enfraqueceram seu apoio. Estes fatos e mais os desastres sucessivos das forças russas diante da Alemanha na Primeira Guerra Mundial levaram à queda do imperador.

Por fim, o Czar e toda a sua família ficaram prisioneiros dos revolucionários, acabando por serem assassinados, numa carnificina hedionda, num quarto de porão da casa Ipatiev na cidade de Ekaterinburg, Sibéria, no dia 17 de julho de 1918.

Abatidos a tiro: o czar, a czarina, Aleksei (príncipe herdeiro), as quatro irmãs (Olga, Maria, Anastácia, Tatiana), o dr. Botkin, Demidova, o laçao Trupp e o cozinheiro Kharitonov. p. 449

(RADZINSKI, Edvard. *O Último Czar – A Vida e a Morte de Nicolau II*. Trad.de Vera Maria Marques Martins, São Paulo, Círculo do Livro, s/d)

O Belo Antônio

Vitaliano Brancati

Obra curiosa com situações divertidas, às vezes cômicas e em outras humanamente sérias.

Um siciliano, jovem e belo, admirado pelos homens e amado pelas mulheres, é traído pela sua virilidade.

Conhece em Roma um casal de alemães, jovens. Apaixona-se pela beleza dos dois, mais pela beleza do jovem varão.

Consegue aproximar-se da moça e, por meio dela, fica sabendo do drama do namorado: o jovem alemão é belo, mas impotente.

Antônio vai para a cama com a moça e, para seu desapontamento, incorpora o mal do outro: também ele, belo, mas impotente.

Volta para a terra, Catânia. Tem casamento arranjado pelos pais. Com medo do insucesso, não quer, mas, ao se deparar com a bela Bárbara, sente o fogo no sangue, anima-se e casa.

Durante três anos Bárbara fica intocada, e o casamento é anulado.

O drama do belo Antônio é revelado, para gáudio da cidade e para vexame de seus ascendentes, tidos por homens de propalada virilidade.

E assim aconteceu, belo, mas impotente!

Como pano de fundo ao drama, tem-se o panorama político-ideológico da Itália na década de 1930 – 1940, com a ascensão de Mussolini.

(BRANCATI, Vitaliano. *O Belo Antônio*. Trad. de Alexandre Eulálio, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987)

Caninos Brancos

Jack London

Narrativa espetacular em que no centro da ação se coloca um cão, chamado Caninos Brancos, nascido na floresta, filho dos lobos Kiche e Caolho.

A obra começa com a viagem de Bill e Henry que transportam, num trenó, um caixão. Atacados por uma alcateia esfomeada, vão perdendo um a um seus cães, e, por último, o próprio Bill cai na boca dos lobos. Henry, na iminência do mesmo destino, salva-se com a chegada de uma outra caravana.

Caolho chefiava a alcateia, mas era Kiche (fêmea) que atraía os cães, um por um, para que caíssem na armadilha.

Segue-se o aprendizado do lobinho, Caninos Brancos, primeiro com a floresta, depois com os homens, no meio dos quais passa a viver, por ter aí comida fácil.

Cresce e torna-se verdadeira máquina de matar, odiando tudo, principalmente os homens, devido a maus tratos.

A história desenvolve-se no sentido de mostrar, no entanto, que é possível o afeto entre o homem e o animal.

Weedon Scott salva Caninos Brancos dos maus tratos, conseguindo que entre ele e o animal se estabeleça camaradagem, respeito, afeto, ao ponto em que o cão acaba se sacrificando, perdendo a vida pelo dono.

(LONDON, Jack. *Caninos Brancos*. São Paulo, Ática, 1995)

Taís

Anatole France

Curiosa obra deste prolífico escritor francês, (1844 – 1924), Prêmio Nobel de Literatura, famoso pela ironia com que enfrentava o mundo na sua prosa, satirizando ora os profissionais da política, ora os fanáticos da religião.

Na presente obra desenvolve uma trama que mostra *o equívoco de uma vocação*:

Pafnúcio, asceta que morava retirado numa cela, entregue aos cuidados de Deus, empreende uma viagem a Alexandria para libertar Taís, mulher dissoluta de rara beleza, e encerrá-la num mosteiro, onde encontraria a suprema felicidade; e ele contaria com um grande serviço a Deus.

Depois de ter encerrado Taís no mosteiro, volta para sua cela, mas passa a ser assediado pela lembrança da beldade, fato que ele atribui a manobras do Diabo. Exacerbaram-se-lhe os desejos impuros, a volúpia. Impõe-se cruéis privações e sofrimentos ao corpo, mas o desejo de Taís o persegue. O irmão Paulo, o Simples, vê nele Orgulho, Luxúria e Dúvida. Por fim, Pafnúcio não resiste e reconhece que a felicidade está no amor de Taís.

Sabe que ela está à morte, mas vai ao seu encontro. “Taís estava morta. Pafnúcio num abraço desesperado devora-a de desejo, de raiva e de amor” (p. 125). Pafnúcio é escorraçado pela abadessa como alma danada.

(FRANCE, Anatole. *Taís*. In *Três Romances*, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1960)

Memórias de uma Favorita

Alexandre Dumas

Romance histórico escrito em forma de memórias de uma cortesã: Ema Leona, abrangendo a época de 1767 a 1815.

Ema, de origem humilde, galga os degraus da sociedade graças a sua beleza e aptidões artísticas. Conquista amantes ricos e poderosos, chegando ao casamento com milorde sir William Hamilton, cientista, arqueólogo e diplomata inglês junto à corte de Nápoles, tornando-se Lady Hamilton.

Em Nápoles tornou-se a favorita da rainha Maria Carolina, irmã da rainha francesa Maria Antonieta e de outros reis e rainhas da Europa (eram filhos e filhas de Maria Teresa, rainha da Áustria, o que vale dizer que a Europa estava toda nas mãos desta família).

Ema encerra a vida aventureira como amante do almirante Nelson, o herói de Aboukir.

A trama novelesca desenvolve-se relacionada com a Revolução Francesa e com ascensão de Napoleão.

Em nota de rodapé, consta a existência, na galeria do Louvre, de um retrato de Ema Leona, feito a pedido de Maria Antonieta.

Este assunto e estes mesmos personagens estão numa obra de autora contemporânea, Susan Sontag com o título de *O Amante do Vulcão* (São Paulo, companhia das Letras, 1993). O amante é sir Hamilton que, como está dito acima, era cientista e, como tal, também vulcanólogo; o vulcão é o Vesúvio.

(DUMAS, Alexandre. *Memórias de uma Favorita*. Porto, Lello & Irmão, 1953, 2 vols.)

Caim e Abel

Jeffrey Archer

A trama desenvolve uma história que, em razão dos nomes, reproduzem, de certa maneira, a história bíblica de Caim, porém com fortuna trocada, como se verá.

Wladek Koskiewicz – Abel

William Lowell Kane – Caim

A dezoito de abril de 1906 nascem Wladek Koskiewicz na Polônia e William Lowell Kane nos Estados Unidos. São o Caim (Kane) e o Abel, por referências irônicas feitas por este último, uma delas no sentido de que, ao contrário da Bíblia, o primeiro a morrer seria o Kane.

Wladek é prisioneiro dos alemães, quando da invasão da Polônia na Primeira Grande Guerra. Nas masmorras, vê seu benfeitor e pai, o Barão Abel Rosnovski, morrer (pai não declarado, Wladek era bastardo), que lhe deixa, perante testemunhas, as propriedades do Castelo e transfere para seu pulso uma valiosa pulseira de prata. Expulsos os alemães, vêm os russos e estes mandam Wladek, prisioneiro, para as estepes. Consegue fugir e chegar à Turquia, de onde passa como emigrante para a América.

Em Nova York, com o nome de Abel, começa a vida como garçom. À noite estuda. No Hotel Plaza, serve à mesa de uma família de banqueiros, a família Kane. Dá-se, então, o primeiro encontro: William, ainda estudante, tem sua atenção despertada pela pulseira.

O segundo encontro dá-se nos escritórios do já banqueiro William Kane, onde se estabelece definitivamente a rivalidade, como a de Caim e Abel.

Enquanto Kane se torna presidente de importante rede bancária, Abel torna-se bem sucedido empresário de extensa rede de hotéis. Conflito de interesses acrescenta à rivalidade ódio e perseguição político-financeira. E, comum em enredos semelhantes, Abel e William são surpreendidos pelos filhos que, passando por cima do ódio dos pais, se amam e se casam (Richard Kane e Florentyna Rosnovski)

Abel adquire ações do Banco a ponto de interferir na direção, conseguindo destituir o presidente.

William morre de ataque cardíaco, Abel morre algum tempo depois, ambos descontentes com o mal que fizeram um ao outro.

Final curioso: na obra dá-se a vingança bíblica – Abel vinga-se de Caim.

No desenvolvimento da trama ficcional tem-se um panorama mundial desde a Primeira Guerra Mundial: Atentado de Sarajevo (1914) que deflagrou a Primeira; Invasão da Polônia; Naufrágio do Titanic; Afundamento do Lusitânia; Ataque japonês a Pearl Harbor; Declaração de Guerra dos Estados Unidos à Alemanha; Eleição e depois o Atentado de Kennedy.

(ARCHER, Jeffrey. *Caim e Abel*. Trad. de José Antônio Arantes, São Paulo, Círculo do Livro, s/d)

Relações Perigosas

Choderlos de Laclos

Obra toda ela em epístolas, envolvendo um círculo fechado de personagens com destaque para a Marquesa de Merteuil e o Visconde de Valmont.

O romance acaba com a morte de Valmont em duelo, e com a marquesa monstruosamente desfigurada pela varíola, o que levou um outro personagem a dizer “a doença a virara pelo avesso, e que agora tinha a alma no rosto”.

O fato é que a marquesa buscava manter em sociedade o conceito de virtuosa, e destruía, com refinada crueldade e perfídia, a reputação de pessoas que tinham a desgraça de se aproximarem de suas relações.

Assistia-se, então, à decadência de costumes da aristocracia.

O autor viveu no tempo da Revolução Francesa de que participou, ligado ao Duque de Orleans. É citado na obra de Alexandre Dumas, *Memórias de um médico*.

Há filme baseado nesta obra e também uma ópera, *Ligações Perigosas*, de Conrad Susa.

(LACLOS, Choderlos de. *Relações Perigosas*. Rio de Janeiro, Círculo do Livro, 1995)

As Cabeças Trocadas; uma lenda indiana.

Thomas Mann

*H*istória ligada à cultura mitológica da Índia, com conteúdo erótico.

Trata-se de dois amigos: Shridaman e Nanda.

Shridaman admira a beleza física do corpo de Nanda: vigoroso, braços musculosos, tez e cabeleira escuras, olhos negros, jovial, risonho, 19 anos, ungia o corpo com óleo de mostarda e ataviava-se com colares de flores silvestres.

Nanda admira a cabeça de Shridaman e o que nela reside: conhecimentos do Vedas, conhecimentos de linguagem, de astronomia, ontologia, princípios espirituais.

“A amizade dos dois jovens baseava-se nas diferenças de seus sentimentos relativos ao eu e ao meu” (isto é, ao particular de cada um). (p. 6).

Nanda é o corpo; Shridaman é a cabeça.

Um dia os dois veem Sita, a das belas cadeiras. Apaixonam-se pela beleza física de Sita. Shridaman fica doente com a beleza que viu e pede ao amigo que lhe prepare a pira para morrer.

Nanda dispõe-se a seguir o amigo na fogueira, mas ao saber por que Shridaman quer morrer, ele vai à aldeia de Sita e a pede em casamento para o amigo.

Sita casa-se com Shridaman e com ela ocorrem os anseios que com os amigos aconteciam: gosta da cabeça de Shridaman, mas ama o corpo de Nanda.

Os três fazem uma viagem à aldeia dos pais de Sita e, no caminho, encontram o templo de Devi, onde é venerada a inacessível, a sinistra Durgã, a tenebrosa Mãe Kali.

Shridaman entra no templo e com a espada corta sua própria cabeça. Nanda entra à procura do amigo e também corta sua cabeça.

A Mãe Kali exorta Sita a que retorne as cabeças aos respectivos corpos. Sita assim faz, mas troca as cabeças: a cabeça de Shridaman ficou com o corpo de Nanda e a de Nanda ficou com o corpo de Shridaman.

Assim Sita ficou com o esposo perfeito: a cabeça de Shridaman e o corpo de Nanda.

“Outrora, o esposo e o amigo tinham sido entes separados para Sita, a despertada para o amor. Agora, porém, ambos se haviam unido numa só pessoa” (p. 116).

“O grande mestre da ficção ocidental contemporânea faz da lenda indiana a matéria-prima exata para refletir sobre a cisão que tão frequentemente ocorre entre atração sexual e admiração amorosa, buscando mais

uma vez revelar as contradições essenciais da pessoa humana, esteja ela onde estiver, seja ela de que época for”.
(orelha)

(MANN, Thomas. *As Cabeças Trocadas: uma lenda Indiana*. Trad. de Herbert Caro, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987)

A Arte dos Ociosos

Hermann Hesse

“Durante um instante, sinto, mais profunda do que nunca a efemeridade de meu corpo e me sinto propenso à metamorfose, a ser pedra, terra, arbusto de framboesa, raiz de árvore. Aos símbolos da transitoriedade prende-se a minha sede, à terra e à água, à folhagem murcha e morta. Amanhã, depois de amanhã, em breve serei folhagem, terra, raiz, não escreverei mais nada sobre papel, não sentirei mais o cheiro do goivo amarelo, não levarei mais, no bolso, a conta do dentista, não serei mais molestado por funcionários impertinentes à procura do meu passaporte. Nado, então, como nuvem, no céu azul; corro, como vaga, no regato; broto, como folha, no arbusto. Estou submerso no olvido, na metamorfose mil vezes desejada”.

Obra que reúne crônicas e ensaios do autor, escritos durante sua vida, desde o início do século até 1950. Morreu em 1962.

(HESSE, Hermann. *A Arte dos Ociosos*. Rio de Janeiro, Record, s/d)

